Stuart Hall e os signos da identidade cultural na pós-modernidade [*]

RENATO NUNES BITTENCOURT[**]

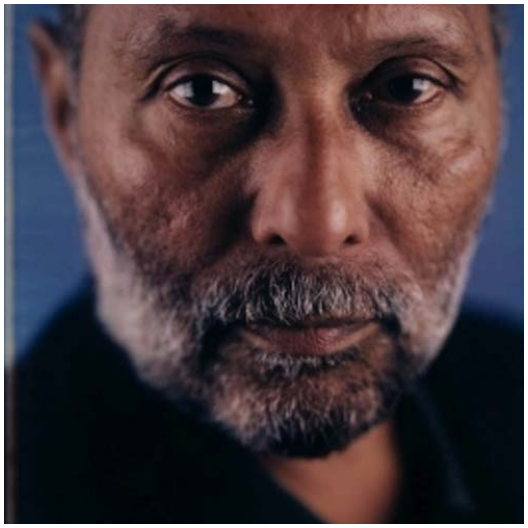
Resumo

O artigo, uma homenagem intelectual ao eminente pesquisador social Stuart Hall (1932-2014), analisa o conceito de identidade cultural na pós-modernidade desenvolvida pelo autor, ressaltado seu caráter descentralizado e fluido, circunstância que evidencia uma nova maneira de compreender a existência humana para além dos critérios axiológicos tradicionais.

Palavras-chave: Identidade; Diferença; Cultura; Pós-Modernidade.

[*] **Nota Prévia**: Este artigo é fruto dos estudos realizados na linha de pesquisa *Estudos Contemporâneos em Comunicação – Práticas discursivas e construção identitária na mídia* desenvolvido na FACULDADE CCAA.

[**]  **RENATO NUNES BITTENCOURT** é Doutor em Filosofia pelo PPGF-UFRJ/Professor do Curso de Especialização em Pesquisa de Mercado e Opinião da UERJ, do Curso de Comunicação Social da Faculdade CCAA, da Faculdade de Duque de Caxias-UNIESP/Membro do Grupo de Pesquisa Spinoza & Nietzsche.



Stuart Hall (1932 -2014)

Introdução

Stuart Hall, teórico cultural jamaicano radicado na Inglaterra, faleceu no dia 10 de fevereiro de 2014. Reconhecido internacionalmente por suas publicações sobre o problema da identidade na dita era pós-moderna e as diásporas culturais, a obra de Stuart Hall apresenta convergências com os discursos antropológicos, sociológicos, filosóficos, políticos, dentre outros, evidenciando a extrema importância de se estabelecer diálogos multidisciplinares em prol da compreensão profunda do cenário cultural no qual estamos inseridos.

O presente texto, muito mais do que um necrológio, pretende ser interpretado uma celebração de algumas teses do grande pesquisador Stuart Hall, cujo nome e obra hão de permanecer imortais pela pertinência das suas ideias e contribuições para os estudos sobre identidade e alteridade nas mais diversas expressões das Ciências Humanas.

Sobre a noção de identidade pós-moderna

A reflexão sobre o conceito de identidade é uma tarefa multidisciplinar, pois nenhum discurso epistemológico é capaz de resolver isoladamente essa questão. Aparentemente um tema tão banal ao olhar do senso comum, a análise sobre a noção de identidade é fundamental para o estabelecimento de uma nova compreensão de uma dinâmica mundial marcada por vertiginosas transformações axiológicas, culturais e técnicas.

O conceito de identidade é fundamental para a formação civilizacional ocidental na sua múltipla construção de valores. Desde o princípio lógico da identidade (A=A) ao primado ontológico cristão da alma como a essência do ser humano, a associação da identidade com a noção de mesmo estabeleceu o sentido da permanência em detrimento do devir, da transformação, da diferença. A hipérbole da legitimação da identidade conduziu a uma subsequente exclusão plena da diferença, manifestada em diversos aspectos concretos da vida social: preconceitos de vários tipos, perseguições religiosas e mesmo o medo paralisante pela diferença. Kathryn Woodward aponta que

> Com frequência, a identidade envolve reivindicações essencialistas sobre quem pertence e quem não pertence a um determinado grupo identitário, nas quais a identidade é vista como fixa e imutável (WOODWARD, 2009, p. 13).

O advento da Modernidade e suas inovações tecnológicas e inovações no âmbito das artes, das ciências e da difusão da leitura fez a humanidade ocidental acreditar na instauração de uma era de progresso interminável, como que a instauração efetiva da

Cidade de Deus na Terra. Todavia, as bases axiológicas da Modernidade já estavam corrompidas nas suas estruturas fundamentais, pois todas as mudanças drásticas ocorridas com a industrialização acelerada e o desenvolvimento da técnica apresentaram-se como a dupla face de Jano. De um lado as modificações na estruturação da vida urbana e paulatinos aprimoramentos na infraestrutura das cidades, de outro a manutenção da exclusão social e a ampliação do poder normativo do Estado, assim como a degradação acelerada do meio ambiente. Não ocorreu a confluência entre progresso técnico e progresso moral. Por conseguinte, a luz da ciência revelou sua tenebrosidade sobre o gênero humano.

O homem moderno permaneceu atrelado aos seus atavismos culturais mais tribais. A "racionalidade abstrata" pretensamente comandaria as ações humanas rumo ao estado de aprimoramento contínuo, tal como defendida por Kant:

> Pode-se considerar a história da espécie humana, em seu conjunto, como a realização de um plano oculto da natureza para estabelecer uma constituição política perfeita interiormente e, quanto a este fim, também exteriormente perfeita, como o único estado no qual a natureza pode desenvolver plenamente, na humanidade, todas as suas disposições (KANT, 2003, p. 17).

Contudo, em verdade o ideário iluminista, não obstante seu pretenso universalismo, apenas pressupunha como objetos do alcance de seu poder emancipador os povos europeus; para o resto do orbe a dominação política, econômica e cultural imposta pelas nações europeias permaneceria incólume. O projeto iluminista apresenta assim sua dimensão tenebrosa, pois liberdade, fraternidade e igualdade não foram postulados de maneira ampla e irrestrita para todo o gênero humano. Para compreendermos de forma mais adequada esta colocação, vejamos o que Hegel expõe em sua *Filosofia da História* acerca dos povos latino-americanos: "A América sempre se mostrou, e ainda se mostra, física e espiritualmente impotente" (HEGEL, 1999, p.74). Ao se referir aos traços fisionômicos dos indivíduos desses povos, o filósofo diz que "a inferioridade desses indivíduos, sob todos os aspectos, até mesmo o da estatura, é fácil de se reconhecer" (HEGEL, 1999, p. 75). Ainda conforme o juízo hegeliano,

> A principal característica dos negros é que sua consciência ainda não atingiu a intuição de qualquer objetividade fixa, como Deus, como leis, pelas quais o homem se encontraria com a própria vontade, e onde ele teria uma ideia geral de sua essência. Em sua unidade indiscriminada e compacta, o africano ainda não chegou a essa distinção de si como indivíduo e de sua generalidade essencial. Por isso, carece também do conhecimento de uma essência absoluta, que seria um outro, superior a ele mesmo. O negro representa, como já foi dito, o homem natural, selvagem e indomável. Devemos nos livrar de toda reverência, de toda moralidade e de tudo o que chamamos sentimento, para realmente compreendê-lo. Neles nada evoca a ideia de caráter humano. [...] Entre os negros, os sentimentos morais são totalmente fracos – ou, para ser mais exato, inexistentes (HEGEL, 1999, p. 84; 86)

Após as elucubrações sobre a ideologia da Modernidade, cabe que façamos alguns apontamentos sobre a conceituação de sujeito própria de tal

visão de mundo. O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção de pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo centro consistia em um núcleo interior, atomizado. A definição kantiana do conceito de Esclarecimento é, sem trocadilho, esclarecedora desse momento da evolução da consciência humana em seu processo histórico de aprimoramento das suas condições morais:

> Esclarecimento [*Aufklärung*] é a saída do homem de sua menoridade, da qual ele próprio é culpado. A menoridade é a incapacidade de fazer uso de seu entendimento sem a direção de outro indivíduo. O homem é o próprio culpado dessa menoridade se a causa dele não se encontra na falta de entendimento, mas na falta de decisão e coragem de servir-se de si mesmo sem a direção de outrem. *Sapere Aude*! Tem coragem de fazer uso de teu próprio entendimento, tal é o lema do esclarecimento [*Aufklärung*]. (KANT, 2005, p.63-64)

A conquista da autonomia para a regulação da vida é a condição indispensável para que o ser humano adentre no estado de maioridade, entendido como um estágio da consciência na qual o sujeito não se submete mais ao crivo moral dos discursos externos. Para tanto, o ser humano somente poderia desenvolver sua capacidade de autonomia se porventura seu "eu" fosse compreendido como uma instância atomizada direcionada a um fim superior. Como uma consciência fragmentada poderia alcançar a verdade e o caminho da liberdade plena? Esses empecilhos ontológicos impediam a consciência iluminista compreender a ideia de pluralidade de forças vitais como uma solução para o problema da diversidade não apenas em uma perspectiva social, mas também interior.

Tal como Stuart Hall salienta, a identidade iluminista era fixa, interior, "o centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa" (HALL, 2006, p. 11). Desse modo, a identidade iluminista se fundamenta em uma continuação da metafisica da subjetividade cartesiana e a instauração do Cogito como primado de toda certeza nas ciências e no próprio reconhecimento da existência, tal como enunciado nas *Meditações Metafísicas*. A valorização da subjetividade como primado ontológico da consciência humana, estabelecida em especial pela metafísica cartesiana, encontra a sua culminação antropológica no período iluminista, transferindo para as nações europeias essa crença na sua superioridade espiritual, cultural e ideológica em relação ao "mundo primitivo", uma vez que a "racionalidade abstrata" pretensamente comandaria as suas ações rumo ao estado de aprimoramento contínuo no decorrer do tempo histórico. Conforme Kant,

> Todos os progressos das civilizações, pelos quais os homens se educam, têm como fim que os conhecimentos e habilidades adquiridos sirvam para o uso do mundo, mas no mundo o objeto mais importante do qual o homem pode aplicá-los é o ser humano, porque ele é seu próprio fim último (KANT, 2006, p. 21).

O projeto civilizatório iluminista se fundamenta como uma ideologia eurocêntrica, pois seus apregoados valores de liberdade, justiça, fraternidade e progresso, a rigor, se fundamentavam na expropriação da vida de todos os povos não-europeus,

legitimando-se o colonialismo e o imperialismo. Esse espírito eurocêntrico é partidário da visão de mundo de que somente as nações dotadas de pretensa originalidade em seu processo formativo são "civilizadas". Segundo Enrique Dussel,

> A primeira "experiência moderna" foi a superioridade quase divina do "eu" europeu sobre o Outro primitivo, rústico, inferior. É um "eu" violento-militar que "cobiça", que deseja riqueza, poder, glória [...] A "conquista" é afirmação prática do "eu conquisto" e "negação do outro" como outro. (DUSSEL, 1993, p. 47; p. 49).

A reatividade contra a alteridade étnica é a causa básica de todos os conflitos sectários, que nascem de uma incompreensão do caráter hibrido presente em qualquer composição cultural e mesmo na própria interioridade humana. Stuart Hall, por sua vez, diz categoricamente que "a identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia" (HALL, 2006, p. 13). Por conseguinte, somente por uma questão moralista enraizada nos grandes discursos normativos religiosos o indivíduo se encontra pressionado a adotar um critério ético-existencial atômico na configuração de sua vida cotidiana e de sua personalidade. O nome não representa a essência do ser humano, tampouco o seu sexo. A experiência ética da pós-modernidade possibilita a dissolução da exigência de se permanecer para sempre como um sujeito centralizado, pois o fim das narrativas totalizantes rompe o contrato social de cunho patriarcalista seguido pela cultura ocidental. Segundo Tomaz Tadeu da Silva,

> A identidade e a diferença têm de ser ativamente produzidas. Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais (SILVA, 2009, p. 76).

Se todas as formas de existência estão em constante devir, como podemos categorizar a fixidez de algo e, por conseguinte, sua pretensa identidade? Heráclito de Éfeso já enunciava na era da filosofia trágica dos gregos a ideia de que a identidade deve ser compreendida como um grande processo de transformação dos caracteres, tal como o fluxo incessante das águas de um rio: "Em rio não se pode entrar duas vezes no mesmo, nem substância mortal tocar duas vezes na mesma condição; mas pela intensidade e rapidez da mudança dispersa e de novo reúne" (HERÁCLITO, Fragmento DK 91). Com efeito, uma vez que tudo se transforma instantaneamente, como definir com precisão quem somos nós e mesmo o mundo que nos circunda? Talvez o silêncio fosse a melhor solução, ainda que um tanto radical sob uma perspectiva comunicacional e semântica; no entanto, podemos ser mais sutis e nos definirmos como processos existenciais em modificação constante. A expressão "Eu sou", nesse contexto ético-cultural, se evidencia inadequada axiologicamente. Melhor seria afirmar "Estou sendo". Poderíamos empregar tais conceituações até mesmo na elaboração de uma reflexão teológica conveniente ao discurso pós-moderno. Ao invés de pensarmos em um ser divino imutável, por que não pensá-lo como um processo evolutivo constante, uma energia móvel em expansão permanente. Contudo, tal enfoque especulativo merece ser abordado com mais afinco em outra circunstância oportuna.

Se o eu atômico é uma ilusão de cunho moral e linguístico, somos então processos fluidos de convergência e divergência, na qual as afinidades eletivas se dissolvem criativamente em contínuas novas reconfigurações existenciais. Em cada permuta de signos e de valores, brotam novas formas de compreender o mundo e de se atuar na existência. Conforme argumenta Kathryn Woodward,

> Cada cultura tem suas próprias e distintas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados (WOODWARD, 2009, p. 41).

O discurso normativo exige coerência do sujeito, fazendo-o acreditar na ilusão da atomicidade. No entanto, por qual motivo não podemos aceitar a incoerência, o caos, o devir? Nem sempre devemos esperar as mesmas respostas para os mesmos problemas e situações, e tal constatação requer justamente a formação de uma ética da contingência, que afirme a singularidade da pulsão criadora que se plasma em cada pessoa. Stuart Hall expressa de modo preciso tal problema ao dizer que "dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas" (HALL, 2006, p. 13). Nessas condições, a reflexão crítica sobre a subjetividade e sua pretensa atomicidade se torna sempre válida: "quem sou eu?", "quem somos nós"?

Uma vez que as identificações são normatizações culturais e linguísticas axiologicamente insuficientes em consequência da própria fluidez daquilo que denominamos "eu", o mais plausível seria afirmarmos o caráter conflitante que perpassa o processo de nossa subjetivação e interiorização psicológica, assim como nossas relações sociais no âmbito da vida cotidiana. O sujeito está necessariamente em interação societária com outro, e somente assim é possível se separar as esferas do "eu" e do "tu", que, por sua vez, acabam se tornando indissociáveis. Segundo Stuart Hall,

> As velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado (HALL, 2006, p. 7)

Certamente causa uma desconfortável sensação de vazio e niilismo a constatação de que a identidade tradicionalmente postulada é uma ilusão. A mitificação da fixidez, princípio norteador de todos os discursos identitários e suas inerentes exigências normativas, encontra sua corrosão na profusão dos signos da pós-modernidade, e tal modificação radical desagrada aos reacionários agregados aos valores imutáveis do ser. Stuart Hall argumenta que

> Acima de tudo, e de forma diretamente contrária àquela pela qual elas são constantemente invocadas, as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu *exterior constitutivo*, que o significado "positivo" de qualquer termo – e assim, sua "identidade" – pode ser construído [...] A unidade, a homogeneidade interna, que o termo "identidade" assume como

> fundacional não é uma forma natural, mas uma forma construída de fechamento: toda identidade tem necessidade daquilo que lhe "falta". (HALL, 2009, p. 110).

Somente mediante a compreensão da flutuação criadora das identidades existenciais e sociais podemos desenvolver um modo de vida mais pleno, pois reconhecemos assim que as transformações interiores são inevitáveis na organização da cultura. Esse processo de mescla se configura assim como a própria condição primordial para a formação de uma pretensa "essência" cultural. Conforme argumenta Stuart Hall,

> A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. É definida historicamente e não biologicamente (HALL, 2006, p. 12-13).

Talvez seja a dita "celebração móvel" o fator que mais enriqueça o desenvolvimento da novidade criadora da vida sociopolítica, mas, ao mesmo tempo, esta disposição também é fator de incerteza e estranhamento para as mentalidades mais conservadoras. O sujeito envolvido em um processo de formação identitária não é de maneira alguma a matriz e muito menos esse processo de formação identitária é visto como a obra de um sujeito individual: tal processo não se dá no sujeito, em sua interioridade, mas externamente, a partir de sua exposição aos discursos e signos em circulação no tecido social que o envolve e de suas relações materiais e práticas com o mundo. Para Bauman,

> Tornamo-nos conscientes de que o 'pertencimento' e a 'identidade' não têm a solidez de uma rocha. Não são garantidas para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis. E de que as decisões que o próprio indivíduo toma, o caminho que percorre, a maneira como age – a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o 'pertencimento quanto para a identidade' (BAUMAN, 2005, p. 17).

A vida comunitária se configura na experiência política moderna como a exclusão forçada das diferenças e a mitificação dos pretensos caracteres identitários, forjados em um amálgama cultural que cria uma massa amorfa segmentada pela lógica da identidade, sem que reconheça, contudo, as múltiplas particularidades distintas presentes nesse grande recipiente da alteridade; esta não é uma substância metafísica ou uma condição ontológica sustentada por bases transcendentes ou transcendentais, mas uma qualidade existencial delineada pelos fluxos móveis das trocas culturais.

Considerações finais

As experiências culturais da dita pós-modernidade revelam o choque axiológico que vivenciamos a cada dia ao lidarmos com uma profusão de signos heteróclitos em constante conflito. Antigas categorizações sociais são dissolvidas, as ordens normativas que estruturavam a civilização ocidental são questionadas, encontramos maior espaço de abertura para a afirmação dos signos da alteridade, mas simultaneamente constatamos que forças reacionárias portadoras de uma energia retrógrada atávica insistem em lutar contra a emancipação da diferença: permanece a reificação da condição feminina, o preconceito contra negros e judeus, a xenofobia potencializada pelas crises econômicas, a maldita reinserção

de valorações religiosas e sectarismos doutrinários mais grosseiros na agenda política. O marcos infeliz do espectro reacionário estabelece batalhas mortais contra todas as pessoas e grupos sociais que ousam afirmar suas particularidades existenciais. Mesmo no âmbito educacional vemos a erupção da barbárie impedir o florescimento da experiência crítica como emancipação do sujeito, pois o comercialismo tecnocrático converte o aluno em cliente soberano que deve ser satisfeito incondicionalmente. Tempos de domingadas pedagógicas em que o velho autoritarismo institucional teima em elevar sua voz contra o progresso intelectual. A educação foi furtada em seu projeto libertador. Lady Macbeth de Santa Cruz desfere golpes de machado contra os projetos de uma verdadeira possibilidade do processo de conhecimento emancipar as massas da opressão do sistema capitalista, referendando assim as cândidas mentiras do especulador educacional que apenas enxerga no aluno um consumidor de diplomas desprovido de alteridade.

O pensamento de Stuart Hall se configura como um excelente ponto de inflexão para que possamos compreender os confusos tempos da dita pós-modernidade, não como uma tentativa nostálgica de fazermos renascer os valores clássicos da Modernidade, ela mesma ambivalente em suas categorizações e contraditória em seus alicerces formativos. A Modernidade é um projeto fracassado, o que urge agora é estabelecermos novas formas de compreender os signos sociais do homem destituído de todo atomismo e, nesse quesito, a obra de Stuart Hall nos ajuda consideravelmente.

Referências

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Entrevistas a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

DESCARTES, René. **Meditações Metafísicas**. Trad. de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

DUSSEL, Enrique. **O encobrimento do Outro**: a origem do "mito da modernidade". Trad. de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

_____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença***:* a perspectiva dos estudos culturais. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 103-133.

HEGEL, G. F. W. **Filosofia da História**. Trad. de Maria Rodrigues e Hans Harden. Brasília: Ed. da UnB, 1999.

HERÁCLITO. "Fragmentos". In: Vol. Pré-Socráticos, Col. "Os Pensadores". Trad. de José Cavalcante de Souza. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

KANT, Immanuel. **Antropologia de um ponto de vista pragmático**. Trad. de Clélia Aparecida Martins. São Paulo: Iluminuras, 2006.

_____. **Ideia de uma história universal de um ponto de vista cosmopolita**. Trad. de Rodrigo Naves e Ricardo Ribeiro Terra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. "Resposta à pergunta: que é Esclarecimento"? In: **Textos Seletos**. Trad. de Raimundo Vier e Floriano de Souza Fernandes. Petrópolis: Vozes, 2005, p. 63-71.

SILVA, Tomaz Tadeu da. "A produção social da identidade e da diferença". In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença***:* a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 73-102.

WOODWARD, Kathryn "Identidade e Diferença: uma introdução teórica e conceitual" In: In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença***:* a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2009, p. 7-72.

Anexo

Reproduzo abaixo os testemunhos de duas pesquisadoras de iniciação cientifica de Comunicação Social (Estudos Contemporâneos em Comunicação - Práticas discursivas e construção identitária na mídia – Faculdade CCAA) que abordam as teorias de Stuart Hall em seus respectivos estudos, evidenciando assim que as novas gerações farão da obra do teórico social um importante baluarte para a compreensão do mundo em constante transformação dos seus signos sociais, culturais e axiológicos:

Camila da Costa Claro de Carvalho (Graduanda em Comunicação Social – Habilitação Jornalismo, Faculdade CCAA: "Por meio de suas obras, o teórico Hall me apresentou a importância da cultura dentro da sociedade. Por trás da questão do processo de formação da identidade cultural dos indivíduos, o que mais me chamou atenção, foi sua observação com relação à modernidade. De fato, nos dias de hoje, vivemos em uma sociedade multicultural, na qual alguns cidadãos muitas vezes acabam criando referenciais culturais baseados em costumes, e até mesmo línguas de outras comunidades, de forma que, por vezes, acaba fragmentando a identidade formada pelas origens de seu lugar nativo. Essa pluralidade cultural de certa forma é até positiva, pois nos aproxima de uma vasta quantidade de questões e pensamentos que, se estivéssemos inteiramente ligados, única e exclusivamente à nossa identidade regional, talvez não nos aproximasse tanto uns dos outros, potencializando conflitos no mundo, por causa dos ideais divergentes de cada lugar. Stuart Hall acerta quando se refere este atual momento a uma "crise de identidade", porque ainda que as inter-relações estejam, talvez, mais próximas – principalmente por causa do avanço das tecnologias –, ainda existem conflitos e barbáries em determinados países, sejam por questões étnicas, raciais, religiosas, políticas ou econômicas. Stuart Hall também acerta quando fala sobre a descentralização da cultura, no sentido de não deixar explícito o referencial de origem de cada nativo. Porém, ainda existem pessoas e lugares que não se submeteram aos avanços da modernidade e ainda se encontram em seu estado de identidade cultural nacional, o que reforça a teoria do sistema de representação pensado por Stuart Hall, mas ao mesmo tempo nos mostra que na era pós-moderna, os indivíduos não são dependentes de sua cultura local para desenvolver sua identidade. As pessoas são fluidas e, às vezes, por não se prenderem a uma forma própria, se encontram em uma identidade atemporal."

Victoria Servilhano (Graduanda em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo – Faculdade CCAA): "Acredito que Stuart Hall representa o que falta nos pensamentos e práticas da visão social atual. Mas em alguns momentos. Seus estudos parecem um paradoxo. Ele sempre enxergou a fusão e a dinâmica de identidades, marcada pela globalização acelerada, apontando a fragmentação dos indivíduos. Mas ao mesmo tempo condena o que pode se assistir claramente hoje como uma segregação de lutas em todas as partes do mundo. É essa distância dos campos, mesmo quando divergentes, que enfraquece os pilares de uma sociedade justa, pois nenhuma cultura ou civilização existe isolada das outras. O sujeito deve sim ser reconhecido como uma figura instável e há o reconhecimento de vivermos em uma era limitada em relação à dinâmica de

vários povos, mas o que muitas vezes se deixa de lado é a percepção desse palco como um modelo falho se quisermos prolongar e apaziguar a vivência no mundo que conhecemos. Uma luta depende da outra, em todos os sentidos. E Hall deve ser exaltado quando usava a cultura como ponto em comum, isso permitiu a construção de uma abordagem baseada na junção de aprendizados de diferentes segmentos, mas com produtos interligados. O olhar sensível e minucioso do antropólogo e sociólogo perante a dinâmica social permitiu a constatação de pequenos detalhes que contribuíram imensamente, ontem e hoje, para o entendimento de diferentes áreas como conexões permanentes".

Recebido em 2014-02-22
Publicado em 2014-03-16